

De Realidades Trágicas a um Romance Fulgurante

Paulo Sucena

1. Antes de entrarmos na análise do romance de João de Melo, gostaríamos de assinalar três pontos prévios. O primeiro, para sublinhar que a diegese começa *in medias res*. A jornalista Cláudia Lourenço que vive e trabalha em Lisboa no jornal *Quotidiano* surge no início do romance na Ilha de São Miguel e a ser conduzida por Gil, correspondente açoriano do *Quotidiano*, ao encontro de Mariano Franco, “outrora o operacional mais temido da Frente de Libertação dos Açores”. Porém, na primeira das seis sequências do romance, o leitor é esclarecido pelo narrador de tal presença em São Miguel e da sua missão jornalística. David Matos, natural da Ilha Terceira e conhecido de Mariano Franco, decidiu, na qualidade de chefe de redação do *Quotidiano*, publicar um suplemento do jornal com uma longa entrevista a Mariano Franco, que foi “um militante de proa da causa independentista, mais tarde contestatário da organização e, por fim, seu dissidente”. A belíssima Cláudia Lourenço, jovem de trinta e três anos, foi a profissional escolhida para desempenhar aquela tarefa jornalística.

O segundo prende-se com o título *Livro de Vozes e Sombras*, cuja semântica plural nos permite encontrar uma linha de sentido que encerra a possibilidade de estarmos perante um romance, diria, assumidamente incompleto. É necessário retirar das sombras as vozes que lá permanecem e ouvi-las e anotar, desde logo, que as vozes responsáveis pelo enredo também nos surgem pejadas das sombras. Leia-se o que Mariano Franco confessa à jornalista Cláudia Lourenço e a consciência que ela própria tinha de que “limitara-se a entrar e a sair do jogo dele. [Mariano Franco]. Tudo fora dito, tudo ficara por dizer”. Por sua vez, o ex-terrorista da FLA, que acabou por ser expulso dos Açores e preso em Lisboa, reconhece que “Eu vivo em

estado de sítio e em recolher obrigatório. Mantenho os meus bens, é um facto, mas falta-me ter de volta a pessoa que fui antes de me perder em mim; falta-me a vontade, o bom-nome, o respeito dos outros, a minha vida de então”.

Este curto excerto, dezenas de outros poderia recolher, leva-nos ao último ponto prévio. O facto de estarmos perante uma personagem complexa e contraditória torna clara e rigorosa a advertência inicial de João de Melo. “Este não é, nem pretende ser, um romance histórico, e sim uma ficção narrativa e literária na qual o autor se dá a liberdade de entrecruzar enredos, tempos e lugares alusivos à realidade própria do seu país”.

2. Gostaria de passar agora à arquitectura do romance, dividido em seis sequências e um epílogo intitulado “Finisterra”, que nos trouxe à memória o nome de Carlos de Oliveira e o título de um dos mais admiráveis romances do século XX. Em João de Melo, entre outros aspectos, aparece-nos como o limite do mundo ficcional deste seu romance que, no que concerne ao seu objectivo principal – uma entrevista a Mariano Franco a fim de ele desvelar profundamente o papel da FLA após o *25 de Abril* - é atingido de uma forma fruste, como o mostra uma declaração do entrevistado: “Enquanto não for o tempo disso, nada feito: a minha história acaba assim, sem glória nem proveito. Fica nas suas mãos”. E mais adiante acrescenta: “Não posso ser mais claro nem mais verdadeiro, admito-o. O Matos, seu chefe, devia saber de antemão ao que vinha a enviada especial do jornal”.

Quanto à organização narrativa, salvo a terceira sequência que aborda o período da descolonização de Angola (escrevi Angola a partir de indícios, no entanto, o nome da colónia deve ser lido metaforicamente porque o narrador não a refere), as outras cinco recaem sobre o tempo e as circunstâncias açorianas após a Revolução dos Cravos. Em “Finisterra” temos uma simbiose entre as duas temáticas.

Temos de convir que nos deparamos com uma complexidade narrativa inquestionável em que a diegese è assegurada por vários narradores, desde aquela a que poderia chamar o primeiro narrador, um narrador heterodiegético, a outros dois que me permito destacar, narradores

autodiegéticos, Mariano Franco, o independentista, quando troca o diálogo pelo monólogo e Ângela Maria, a menina cega, que assume com uma magnífica competência muito do desfiar do enredo da terceira sequência, intitulada “Uma cortina sobre África”, em que avulta a personagem do abrutalhado e brutal colonialista Custódio Pinto, seu pai, que em África já dava mostras de esquizofrenia e acaba por endoidecer pouco tempo depois de regressar a Lisboa.

Finalmente, sublinho que o romance tem sempre uma narratária interna, a jornalista Cláudia Lourenço, como Ângela Maria o comprova no final da terceira sequência, numa espécie de prolepse: “coisas há que só podem ser ditas com literatura, não é assim, menina Cláudia?”. O diálogo entre as duas, participado também pelo marido de Ângela, Manuel Cristóvão, personagem simbólica da capacidade reivindicativa sindical de um povo que deseja erguer-se do chão, é retomado no final do romance.

3. É o momento de nos aproximarmos da substância de Livro de Vozes e Sombras. Diria, em primeira mão que é um romance, para além da alta qualidade da escrita de que me permito salientar algumas descrições primorosas (alguém dizia que é a musa dos grandes escritores), extremamente corajoso ao abordar ficcionalmente temas ainda candentes como a acção da FLA e a descolonização.

O encontro entre Mariano Franco e Cláudia Lourenço logo nos mostra que não estamos perante um romance linear ou uma narrativa previsível entre um fascista mau e uma jovem muito bela provinda da geração de Abril. João de Melo não é se escritor dogmático. A profundidade das suas personagens é timbre da sua obra romanesca porque o autor tem em conta que os seres humanos não estão divididos em categorias hermeticamente fechadas. A sua complexidade não permite isso. E o narrador mostra-o logo nas primeiras páginas ao abrir uma frecha, diria que de fascínio físico, entre o cinquentenário Mariano Franco, intrinsecamente reacionário e a jovem e sensual Cláudia Lourenço. Ou seja, o narrador vai percorrer duas linhas de sentido, uma que revela ao leitor as violências a atrocidades cometidas pela Frente de Libertação dos Açores, em que desempenhou um papel relevante

Mariano Franco, contra aqueles açorianos que, no seu legítimo direito, pretendiam pertencer ao Portugal de Abril. Muitos deles, como o narrador refere, eram, no tempo da ditadura, “uma gente do campo, rota e descalça, servia os pais dele [Mariano Franco] de sol a sol, ao frio e à chuva, até emigrar e dizer adeus para sempre aos Açores”.

Nas diatribes contra Portugal e a favor da independência dos Açores, Mariano Franco, afirmava que “o país esquecera-se de incorporar as ilhas na vida nacional (...). Cinco séculos de ocupação e pobreza”. Eis-nos perante um retinto reaccionário que se esquecia do poder que o antigo regime concedia à sua família e se aproveitava, de uma forma que hoje chamam populista, para se valer das carências que o regime fascista impusera aos humilhados e ofendidos para os atizar contra a Revolução que pugnava pela justiça social.

A outra linha de sentido, concernente a um nascente fascínio entre Mariano Franco e Cláudia Lourenço, vai-se desenvolvendo ao longo do romance e tem o seu acme no segmento final – “Finisterra” – no momento da despedida dos dois personagens. “E ele sem ousar dar-lhe um beijo na boca. Sem a abraçar. Devia julgar que não a merecia. Se não fora digno dela na sua casa, menos seria num quarto de hotel. Faltou-lhe a lucidez de adivinhar pelos sinais que Cláudia o aceitaria de pronto se lhe tivesse pedido (...). Mas a verdade é que se ficaram por uma despedida em silêncio, como uma leve melancolia nos olhos de ambos.”.

Numa incursão muito bem conseguida pelos terrenos da erótica, no epílogo do romance, o leitor fica com a prova provada do profundo desejo físico que Cláudia sentia por Mariano.

4. O romance *Livro de Vozes e Sombras* é, do ponto de vista sociológico, um romance transversal, desde os senhores do poder aos trabalhadores desprotegidos, passando por intelectuais e por líderes da classe trabalhadora, pelo lado açoriano. Pela prepotência e iniquidade dos colonialistas angolanos sobre os negros, seus subordinados. Sem esquecer que no romance ressalta também a violência e até a barbárie geradas pela guerra colonial e pelas guerrilhas açorianas. Diria que este é um romance em grande parte escrito no avesso de um verso de Schiller do poema em que Beethoven se inspirou para

compor o Hino à Alegria. Escreveu Schiller: “Todos os seres humanos devem ser irmãos”. Porém, há personagens que acolhem em suas consciências as palavras do grande poeta alemão. Lembremo-nos do sindicalista Manuel Cristóvão, do médico Clemente Araújo e dessa admirável personagem, a cega Ângela Maria.

Deixo, a terminar, alguns breves apontamentos acerca do que anteriormente escrevi. Numa das seis sequências do romance desnuda-se a barbárie da guerra da Guiné e a violência desalmada de parte a parte, que, diz Mariano Franco “teima em não me sair da pela”, como acontece com muitos dos militares que combateram nas ex-colónias e não só na Guiné, como no caso do independentista açoriano.

Creio ser o momento oportuno para desvelar uma nova faceta de Mariano Franco que surge no final de uma sequência em que a propósito da Revolução dos Cravos ele diz o mesmo que muitos continentais disseram ao imaginar que iam perder privilégios, uns em voz baixa e outros em voz alta, enquanto terceiros enveredaram pelo caminho da violência em muitas vilas e cidades do Continente. Todavia, o espírito complexo e contraditório de Mariano Franco compreendeu em Lisboa, numa manifestação de rua, algo que muitos outros de diversos matizes políticos nunca quiseram perceber. Os revolucionários, diz o antigo militante da FLA, “eram pessoas felizes na sua luta por aquilo em que acreditavam e que não possuíam. Viajavam a bordo e à proa da sua Revolução”, tal como o sindicalista Manuel Cristóvão se manteve sempre a lutar coerentemente por aquilo em que acreditava, quer nos Açores quer no Continente. Aliás, numa breve pincelada, o narrador dá-nos um retrato claro do sindicalista, quando no Adro da Igreja do Rosário incitava todos os presentes a escorraçarem os “velhos devotos da Ditadura, fascistas que não se resignam a ser o que deveras são: órfãos cornudos do fascismo e inimigos da democracia para o povo”.

Resta-me registar uma referência ao Dr. Clemente Araújo que mostra inequivocamente a ousadia do seu carácter não tendo medo os sinos a rebater na Igreja do Rosário, apesar de saber que era um sinal de que “temos outra

vez à porta os burros do separatismo”. E, por tal razão não hesitou em vir para a rua sem atender aos pedidos em contrário da sua própria esposa.

O médico Clemente Araújo é mais um personagem que comprova a já referida transversalidade sociológica do romance. Ele surge aos olhos do leitor como um intelectual que manifesta publicamente a sua indignação e revolta contra os energúmenos da FLA que haviam pintado muros e paredes das casas com ameaças de exílio ou morte aos socialistas e comunistas da freguesia.

O narrador tem ainda o cuidado literário de revelar ao leitor a razão de ser da profunda inquietação de Maria Letícia, companheira do Dr. Clemente Araújo, que não se prendia só com o marido, mas também com os perigos por que podia passar o seu irmão, Manuel Cristóvão, “de todos os mais temerário na oposição aos fascistas da FLA”. Porém, os tais fascistas foram derrotados.

A maestria narrativa de João de Melo não precisou de muitas páginas para mostrar a acção terrorista dos homens da FLA e o seu ódio às pacíficas populações que apoiavam a Revolução dos Cravos, enquanto, em simultâneo, exalta a resistência do povo democrático.

Termino com a certeza de que João de Melo conseguiu transfigurar realidades trágicas na arte resplandecente do romance *Livro de Vozes e Sombras*. Este é um poder que só os grandes escritores detêm.